

Em Busca da Civilização Perdida - Ratanabá: entre Fake News, Pós-Verdades e Representações Sociais.

In Search of Lost Civilization - Ratanabá: between Fake News, Post-Truths and Social Representations

João Gilberto da Silva Carvalho¹, Angela Arruda², Márcia de Assunção Ferreira², Rita Lima³, Themistoklis Apostolidis⁴ & André Felipe Costa Santos³

RESUMO: A notícia de uma cidade perdida na floresta amazônica, Ratanabá, destacou-se em junho de 2022 nas redes virtuais, mobilizando debates, indício do fenômeno sócio-representacional. No artigo, busca-se apresentar a negociação simbólica de grupos envolvidos na ancoragem de Ratanabá. Método: obtenção de dados por meio do Google, considerando os dias de maior interesse por Ratanabá no Google Trend, 05 a 14 de junho de 2022. Dez vídeos do YouTube que expressam a complexidade no processo de ancoragem: a mobilização de crenças, a negociação simbólica e os confrontos identitários característicos dos meandros do imaginário no cotidiano passaram por uma análise de conteúdo temática. Esta revelou o entrelaçamento das dimensões temporal, espacial e política no material; pontos de ancoragem da novidade; polifasia de argumentos. Ratanabá repagina o mito de origem e o orgulho nacional em momento de fragilidade da imagem da nação. O fenômeno sócio representacional de Ratanabá reitera as crenças como sistemas de pensamento que evidenciam a dialética do certo e incerto, da adesão pelas provas ou pela convicção, afronta a segurança nas informações veiculadas nas grandes mídias. O debate epistêmico evidencia disputas de lógicas, discursos e práticas quanto às verdades e mentiras sobre um fenômeno e seus usos sociopolíticos e ideológicos.

Palavras-chave: Representações sociais; Mídias sociais; Mídias jornalísticas; Pós-Verdade; Ratanabá.

ABSTRACT: The news of a lost city in the Amazon rainforest, Ratanabá, stood out in June 2022 on virtual networks, mobilizing debates and thus being understood as an

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ).

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

³ Universidade Estácio de Sá (UNESA)

⁴ Aix-Marseille Université

indication of the socio-representational phenomenon. The article seeks to present the symbolic negotiation of groups involved in the anchoring of Ratanabá. Method: data collection through Google, considering the days of greatest interest in Ratanabá on Google Trends, June 5 to 14, 2022. Ten YouTube sites expressing contradictions in the anchoring process, derived from the mobilization of beliefs, symbolic negotiation, and identity conflicts characteristic of the everyday imagination, were analyzed. Ratanabá reiterates beliefs as systems of thought that highlight the dialectic of certainty and uncertainty, adherence through evidence or conviction, challenging trust and security in information disseminated by mainstream media. The epistemic debate highlights disputes over logics, discourses, and practices regarding truths and lies about a phenomenon and its socio-political and ideological uses. The news of a lost city in the Amazon rainforest, Ratanabá, stood out in June 2022 on the virtual networks, mobilizing debates, an indication of the socio-representational phenomenon. The article seeks to present the symbolic negotiation of the groups involved in the anchoring of Ratanabá. Method: data was obtained through Google, considering the days of greatest interest in Ratanabá on Google Trend, June 5-14, 2022. Ten YouTube videos that express the complexity of the anchoring process: the mobilization of beliefs, symbolic negotiation and identity clashes characteristic of the intricacies of the imaginary in everyday life underwent a thematic content analysis. This revealed the interweaving of temporal, spatial and political dimensions in the material; anchoring points for novelty; polyphasia of arguments. Ratanabá repaginates the myth of origin and national pride at a time when the nation's image is fragile. Ratanabá's socio-representational phenomenon reiterates beliefs as systems of thought that highlight the dialectic of certainty and uncertainty, of adherence by evidence or conviction, and challenges the security of the information conveyed in the mainstream media. The epistemic debate highlights disputes over logics, discourses and practices regarding the truths and lies about a phenomenon and its socio-political and ideological uses.

Keywords: Social representations; Social media; Journalistic media; Post-Truth; Ratanabá.

Introdução

Em abril de 2022 foi criado o grupo Insustentável Leveza da Verdade com o objetivo de estudar a fluidez cada vez mais acentuada do que seria a verdade em um contexto de pós-verdade. O grupo de estudos cogitava a possibilidade de abordar o fenômeno a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS), quando em uma de suas reuniões houve comentários sobre Ratanabá, um nome que circulava com frequência nas redes sociais. A reação inicial do grupo oscilou entre a estupefação e o humor: a tentativa de entender e o riso contido diante de um fenômeno insólito. O Brasil dos terraplanistas e fundamentalistas ainda padecia da covid-19 e sua variante ômicron, em um contexto político, econômico e eleitoral delicado, abalado pela notícia do assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Don Phillips na fronteira do Estado do Amazonas. É neste conturbado contexto que a notícia de uma civilização perdida na Amazônia ganha maior visibilidade.

Ratanabá oferecia ao grupo a oportunidade de observar e debater o processo representacional em sua gênese: a mobilização dos grupos, as bases simbólicas que fornecem o substrato de seus interesses, as narrativas e crenças que situam o fenômeno em toda sua complexidade. Ratanabá veiculada na mídia como a “Capital do Mundo” ganha diferentes contornos e pode se apresentar como *fake news*, ou seja, notícias falsas que permeiam batalhas simbólicas e podem servir a diversos propósitos tais como políticos, ideológicos, econômicos (Mendonça, Freitas, Aggio & Santos, 2023), como pós-verdade, quando se ofusca a verdade e a razão conduzindo práticas por emoções, crenças, preconceitos (Araújo, 2020) e também como fenômeno sócio-representacional.

A polêmica gerada pela descoberta da suposta civilização amazônica caracteriza processos definidos pela Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2012), pois a delinea como um objeto sensível e polimórfico que associa elementos discursivos da

ciência e do senso comum, é tensional e polêmico, veicula concepções, percepções e práticas e se apresenta como uma novidade. O presente estudo tem, portanto, o objetivo de apreender o trabalho inicial de negociação simbólica ou ancoragem que envolve Ratanabá, quando a ideia de uma civilização ancestral deixa seu grupo original para circular entre outros grupos da sociedade brasileira.

Método

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritivo e exploratório cujos materiais selecionados para análise foram textos de notícias sobre Ratanabá publicados na internet. Redes sociais são um grande palco de debate público sobre Ratanabá, com destaque para o *YouTube*. Pesquisa realizada por Leitão (2023) mostra que no ano de 2022 houve mais buscas pela falsa história de Ratanabá no *YouTube* do que pelo assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips.

A coleta de dados foi feita a partir de filtros do *Google*, com buscas aleatórias no *YouTube* sobre os vídeos com destaque sobre Ratanabá, entre 05 e 14 de junho de 2022, sem delimitação de procedência, qualidade ou tempo de duração. De uma lista extensa preparou-se uma tabela com os dez primeiros vídeos capturados, com endereço eletrônico, impacto de visualização e sinopse do conteúdo (Tabela 1). Aplicou-se as técnicas de análise de conteúdo categorial temática na parte discursiva e feito o levantamento das imagens em correspondência aos textos, a partir dos pontos de ancoragens e contextualizações, das referências e posicionamentos e da definição/descrição de Ratanabá

Tabela 1.

Tópicos Populares (Trending Topics) no YouTube, no período de 5 a 14/06/2022.

Título/Endereço/Visualização	Síntese das narrativas
<p>Vídeo 1: Ratanabá: o que se sabe sobre a "cidade perdida" encontrada na amazônia? https://www.youtube.com/watch?v=fLsgOHnQtw Canal História e Tu - 479 mil inscritos; 34 mil “curtidas” – 1006 comentários; Duração: 9’31”.</p>	<p>Resgate de lendas sobre Eldorado até a busca da cidade perdida. Constante menção a jornais e arqueólogos europeus como fundamentação. Pujança da cidade, sua tecnologia, dimensões, pirâmides, mistérios. Comentários elogiosos por refutar a existência de extraterrestres.</p>
<p>Vídeo 2: Ratanabá, capital do mundo na Amazônia, e Caminho de Peabiru: o que não te contaram (Felipe Dideus) https://www.youtube.com/watch?v=H4A4iQyDfr4 Vamos falar de história - 721 mil inscritos; 16 mil “curtidas” - 1.190 comentários; Duração: 10’27”.</p>	<p>“Amazônia possui recursos que podem salvar o futuro da humanidade assim como possui segredos que podem reescrever a história. Por isso ela é tão cobiçada.” Mistérios antigos. Teorias da conspiração. Desabafo: exploradores se expõem à gozação em nome da</p>

ciência. Narrativa histórica e arqueologia com base em suposta informação tradicional. Mapa de Peabiru. Nos comentários: elogios, alusões aos tesouros escondidos e teorias da conspiração. Reiteração das teses de Dakila. Alusão a outras lendas de cidades perdidas. Dupla de aventureiros. Declaram ter medo das tribos de canibais que protegem a Cidade Perdida. Ao longo da floresta vão encontrando objetos deixados por outros exploradores em busca do ouro de Ratanabá. Abrem caminhos na mata e se deparam com surpresas, como avisos de canibais e até uma arcada dentária com dentes de ouro. A

Vídeo 3: Ratanabá: veja tudo que encontramos na cidade perdida.

<https://www.youtube.com/watch?v=eX6bs-d9pyg>

Ginho da Selva Aventuras - 244 mil inscritos; 35 mil “curtidas” - 2.851 comentários; Duração: 50’43”.

postagem deixa a impressão de *fake news*. Nos comentários: maravilhamento e votos de sucesso.

Vídeo 4: O que é Ratanabá? [A cidade perdida descoberta na amazônia]

<https://www.youtube.com/watch?v=XLWrjZPtp4>

Código da Vida - 3,39 mil inscritos; 147 curtidas - 13 comentários;

Duração: 5'41".

Vídeo 5: Ratanabá

<https://www.youtube.com/watch?v=tpCxQD7lX1k> (O vídeo não está mais disponível)

Débora G. Barbosa - 742 mil inscritos; Comentários desativados

Reitera as informações de Dakila. Alguns dos 13 comentários manifestam desconfiança.

A youtuber se declara pesquisadora de história alternativa, como a da Tartária e outras civilizações antigas, extintas. Diz ter visitado lugares com recursos próprios para suas descobertas. Critica ideias divulgadas por Dakila. Afirma: Ratanabá não consta da Bíblia.

Vídeo 6: Ratanabá - Diário de Bordo - Pará

<https://www.facebook.com/watch/?v=5467262329998533>

“Após completarem a 1º etapa do mapeamento das “quadras de Ratanabá” na

Dakila Pesquisas - 23.501 seguem a página; 264 comentários; região de Alta Floresta/MT, Duração: 5'30".

nossos pesquisadores já foram convidados a visitar uma nova localidade com diversos vestígios e mistérios." "Todos somos pesquisadores"; no relato, agradecimentos aos cientistas que contribuem para "desvendar os mistérios".

Vídeo 7: Veja o que foi encontrado nas cavernas em Ratanabá

<https://www.youtube.com/watch?v=aCJT9uWY8wI>

Adriano Pedras Preciosas - 1,12 mi seguem a página; 17 mil curtidas e 1.157 comentários; Duração: 9'28".

Presta esclarecimentos sobre a cidade perdida. Mostra imagens pelo google e um grande crânio de formato ovóide que lhe contaram ter sido encontrado em cavernas na Amazônia. Ele mesmo nunca foi até lá. Afirma que a cidade perdida existe, mas que só a ciência pode provar que se representa o crânio encontrado.

Vídeo 8: A cidade perdida na Amazônia.

Você não vai acreditar.

<https://www.youtube.com/watch?v=uqMYrpJSrls>

Conheça Ratanabá a cidade perdida na Amazônia - Mistério da capital do mundo Ratanabá - Entenda tudo

Histórias inacreditáveis (episódio)

João Financeira - 2,05 mi seguem a página; 4,3 mil curtidas e 202 comentários; Duração: 8'16".

Informa sobre relatórios publicados em revistas científicas. Relata como a cidade era organizada, seus habitantes e organização. Relata haver restos de estradas centenárias, grandes aldeias, com valas ao redor, cultivo de terras, nada era totalmente selvagem. As áreas de floresta pareciam parque, com plantas e animais, mas ambiente hostil para assentamentos humanos em grande escala, com solo inadequado e nativos primitivos.

Vídeo 9: Ratanabá, a cidade perdida Toda a verdade.

<https://www.youtube.com/watch?v=RBLDofOMRxc>

João Paulo Grandão - 166 mil seguem a página. 172 curtidas e 41 comentários; Duração: 2'53".

Cita o site da Dakila e os estudos de Rafael Hungria sobre o império fundado pelos Muril (1ª civilização da terra), com monumentos preservados em formato piramidal, e geleiras

subterrâneas ligando a outros países. Cita que Elon Musk em visita ao Brasil já sabia da existência de Ratanabá.

Vídeo 10: Ratanabá: saiba a história da suposta cidade perdida na Amazônia brasileira - Pesquisador explica a “Ratanabá”
https://www.youtube.com/watch?v=bhLLF_GmAkk&t=129s
Rafael Hungria (243 mil inscritos; 28 mil “curtidas”; 1325 comentários; Duração: 10’01”.

Rafael Hungria reitera as descobertas de Dakila. Muitos comentários favoráveis e outros críticos, destacando-se nessa categoria os argumentos de um geólogo que provocou debates acalorados.

Na exploração inicial dos dados para se decidir sobre o método de abordagem, identificou-se que o debate público sobre Ratanabá evidenciou o papel das redes sociais enquanto fórum privilegiado desta negociação simbólica, como foi possível observar entre os dias 05 e 12 de junho de 2022, quando a discussão alcançou sua maior repercussão e pôs em relevo outra faceta da produção de conhecimento (senso comum ou científico): a polifasia cognitiva (Jovchelovitch, 2014).

Se do ponto de vista científico o olhar recorta, o senso comum faz o caminho inverso e agrupa. Assim, recorreu-se a um quadro teórico que articulou fontes da internet, autores de áreas próximas às representações sociais e do imaginário. Um itinerário que serviu de mote às(aos) autoras(es) do presente artigo para refletir sobre a produção de conhecimento na atualidade na perspectiva da Teoria das Representações Sociais. Assim,

foram conhecidos os pormenores da descoberta da “capital do mundo” e de seus inventores ao longo do processo de ancoragem.

Nesta perspectiva, com relação à ancoragem, a atividade psicossocial de reação diante de um fenômeno novo e desestabilizador, até sua incorporação progressiva ao sistema de categorias e crenças existente, no caso de Ratanabá significou discutir e negociar coletivamente a novidade: o que dizem os defensores, os detratores, os aproveitadores, entre todos aqueles que desejam se manifestar pelos mais variados motivos. Nesse embate de crenças, interesses e narrativas, quando a polifasia é tensionada por conta de uma negociação simbólica pública, emerge outro processo essencial à representação social, a objetivação, em que o objeto de discussão ganha concretude e o desenrolar da negociação pode se transformar em representação e, eventualmente, em representação hegemônica (Moscovici, 2012).

Resultados

Em junho de 2022, os sites de busca na internet registraram um interesse crescente por Ratanabá. O considerável aumento de reportagens e *lives* sobre a matéria atingiu o ponto máximo, segundo a ferramenta *Google Trends*, entre os dias 05 e 14 de junho. O tom sensacionalista dos títulos nos incitava a conhecer um movimento que, contudo, já existia desde 2017. No site do Ecosistema Dakila, consta a informação de que já são 25 anos “de muita luta e perseverança em prol da humanidade”¹. “A descoberta do século” tem sido promovida por um movimento bem articulado e organizado. A TVCH (TV Central de Habilidades) contabiliza 23,4 mil inscritos e 1.213.764 visualizações e afirma ter por objetivo “apresentar novos conceitos ou rediscutir opiniões já consagradas para expandir a sua percepção sobre os fatos”². Já o site de Dakila, em 30 de dezembro de 2024, informa estar presente em 27 unidades federativas brasileiras, possuir 728 mil participantes em 15 países¹.

Sob a liderança de Urandir Fernandes de Oliveira, organizador do movimento Ecosistema Dakila, a suposta descoberta é apresentada ao mundo como uma notícia capaz de abalar os alicerces do conhecimento tradicional. As provas de sua existência são exibidas em vídeos que circulam nas redes sociais e outros meios virtuais. Nas *lives*, os supostos pesquisadores apresentam imagens de vestígios arqueológicos que comprovariam a existência da civilização Muril. Portanto, Ratanabá, o império submerso pela lama e tomado pela floresta, com seus prédios escalonados e em formato piramidal, teria sido a primeira civilização da Terra. O berço da civilização não estaria na África e sim em Ratanabá, a capital deste império extraterrestre. Destacam-se os pronunciamentos de Rafael Hungria, CEO do Ecosistema Dakila, disponíveis no *YouTube*, Instagram e Facebook, entre outros, unificados em um único site de endereços eletrônicos³; e Izah B. Pavão, que se notabilizou em assuntos igualmente polêmicos.

A análise de conteúdo extensiva mostrou heterogeneidades e afinidades no material, gerando outra rodada de análise. Ratanabá se definiu a partir de três dimensões principais: a espacial/geográfica – o coração da Amazônia brasileira; a temporal/histórica e imaginária – há 400-450 milhões de anos; e a material, de poder, riqueza - com recursos inesgotáveis, de toda ordem. O entrecruzamento dessas dimensões descortinou a ambiguidade da “cidade perdida” no tempo e no espaço: rica, futurista, mas milenar, soterrada pela lama e de origem incerta em mais de um sentido.

A origem da cidade perdida recebe dois tipos de atribuição: humana e não humana/extraterrestre, que inclui a civilização Muril. Dois vídeos (3 e 6) não se pronunciam e, por assim dizer, são “diários de bordo”. O vídeo 3 mostra dois “exploradores” em local não identificado, de onde desenterram objetos disparatados, que afirmam comprovar a proximidade da cidade perdida. No vídeo 6, pesquisadores de Dakila relatam a busca de rastros da tribo das Amazonas na região de Alta Floresta.

A atribuição de uma origem humana à cidade perdida - vestígios de assentamentos pré-coloniais na Amazônia - aparece em dois vídeos. O vídeo 1 menciona o povo casarabe, e o vídeo 8, o povo kuikuro, como protagonistas. Achados de arqueólogos publicados em revistas científicas de prestígio e críticas a posições científicas anteriores aparecem em ambos: à visão ocidental da Amazônia, como natureza pura, intocada, e dos povos primitivos, congelados na Idade da Pedra. Ambos também atribuem aos povos amazônicos obras complexas e sofisticadas de ocupação humana: as cidades perdidas constituíam redes interligadas, o que se objetiva como “urbanismo amazônico”. Ratanabá não recebe nenhuma definição, e se fala em cidades perdidas, no plural. O vídeo 1 afirma que estes povos eram tão capazes de inovação como qualquer outro, e considerando a proximidade no tempo, os compara ao Império Inca. A imagem ilustrativa dos achados nos dois vídeos é a vista aérea dos vestígios rastreados em Llanos de Mojos, na Bolívia. Cenas como danças rituais indígenas sinalizam pontos de ancoragem - alusões que facilitam a aproximação da novidade (no caso, o êxito civilizacional desses grupos no povoamento da Amazônia) a algo familiar.

Os demais vídeos apontam a origem extraterrestre dos fundadores de Ratanabá. Três deles nomeiam os Muril para esta função (vídeos 2, 4 e 9). O vídeo 7 mostra a caveira de um crânio alongado como evidência e aponta marcas das obras fundadoras na paisagem: marcações quadrangulares dividem a mata. No vídeo 5, um diálogo do autor com recortes de outros dois estudiosos, ele acredita na possibilidade de vida fora da terra, a de povos antediluvianos altamente avançados e é bastante crítico ao grupo e projeto de Dakila. O vídeo 10, produzido por Dakila sobre a busca de um sítio arqueológico soterrado, expressa otimismo e alegria; declara que os vestígios não podem ser de origem natural nem humana. As imagens de extraterrestres aparecem em três vídeos (2, 4 e 7).

A origem de Ratanabá aponta para duas marcas distintivas: 1- a inteligência e a capacidade técnica superior dos nossos ancestrais indígenas, com suas sofisticadas redes urbanas na floresta, ou então, 2- a dos Muril, que escolheram a Amazônia brasileira para a capital do mundo. São perspectivas que se opõem. No primeiro caso, os amazônicos são elevados ao patamar civilizatório dos vizinhos, o Império Inca. No segundo, ao sonho futurista das riquezas ocultas, materiais, culturais, técnicas, herança da espécie superior; Débora Barbosa, uma das debatedoras do vídeo 5, sintetiza: Ratanabá traz um novo patriotismo para o brasileiro. Porém, falar em uma capital do mundo na Amazônia seria antibíblico: a Bíblia define o lugar onde as coisas aconteceram. Como terraplanista, ela afirma a inviabilidade dos extraterrestres, já que nada pode vir de fora da terra, pela teoria do domo que a cobre. Seu colega de discussão revida: o livro de Enoch fala em anjos caídos, chamados de extraterrestres por alguns. É a polifasia cognitiva em movimento. Se confirmadas as teorias da empresa Dákila, uma mudança na história e no conhecimento colocará o Brasil em novo patamar, segundo 3 vídeos (2, 4 e 9). Acrescentamos: o fato pede uma origem especial, uma roupa nova. Ela vem em modelos diferentes, incongruentes e até opostos.

Para a construção dos processos de ancoragem, os vídeos lançam mão de um imaginário vigoroso para ajudar a formular a hipótese Ratanabá, passando por lendas de cidades perdidas na Amazônia, com os exploradores registrados na história desde a colonização, ou pela tecnologia – no presente, com escaneamento eletrônico de subsolos, e no futuro-passado, em que pirâmides (presentes em quase todos os vídeos) ganham multifuncionalidade, do monumento religioso ao portal de comunicação, ou espaço para pouso de aeronaves. Lendas e monumentos aparecem como terreno para introduzir a ideia de Ratanabá, incorporando um componente de mistério e perigo como fator afetivo.

Discussão

Os autodeclarados pesquisadores de Ratanabá afirmam que esta civilização antiga na Floresta Amazônica tem 450 milhões de anos, abrangendo uma vasta região interligada por túneis subterrâneos (Hungria, s/d). A malha viária de túneis, do atual Peru ao litoral Sul-Sudeste brasileiro - o Caminho de Peabiru - faria a conexão do império a outros continentes. A revelação do local exato teria sido durante algum tempo motivo de sigilo, por conta de supostos interesses de outros países nas riquezas ainda escondidas na suposta capital do mundo. Hoje, afirmam existir uma parte visível e outra subterrânea, a partir do antigo Forte do Príncipe da Beira, em Rondônia.

Em termos de narrativa, Ratanabá assemelha-se a antigas lendas como a de Atlântida, Eldorado, Cocanha, entre outros espaços míticos reproduzidos em um estilo que vai de Marco Polo e Fernão Mendes Pinto até os supostos pesquisadores de Ratanabá. Possuem em comum a dimensão do “maravilhoso” (Greenblatt, 1996) e do fantástico (Todorov, 1981): reinos de opulência, proporções incomensuráveis e seres fantásticos. No caso de Ratanabá, ao fundo onírico agregam-se elementos de ciência e de ufologia, amálgama defendido com fervor religioso. Em 2020, de forma articulada e segura, os autodeclarados pesquisadores de Dakila, Rafael Hungria e Diana Bresolin declararam em *podcast* terem ficado frente a frente com o ET Bilu, contando detalhes sobre esse ser extraterrestre⁴. Contudo, pesquisas de caráter científico sobre a Amazônia (Gomes, 2020) documentaram indícios da existência do Caminho de Peabiru, objeto de estudos acadêmicos (Rocha, 2017), sem os elementos ficcionais de Ratanabá.

Considerando-se que ancoragem é uma atividade psicossocial de re-ação diante de um fenômeno novo e desestabilizador, até sua incorporação progressiva ao sistema de categorias e crenças existente, no caso de Ratanabá significou discutir e negociar coletivamente uma novidade: o que dizem os defensores, os detratores, os aproveitadores,

entre todos aqueles que desejavam se manifestar sobre Ratanabá por motivos variados. Do embate entre crenças, interesses e narrativas poderá emergir outro processo do fenômeno sócio-representacional: a objetivação. Nele, o objeto ganha materialidade, descarta fluidez e ganha contornos precisos (Moscovici, 2012).

Quanto a polifasia cognitiva (Jovchelovitch, 2014), no caso de Ratanabá, significa admitir que existem e coexistem, às vezes entre os diferentes grupos, às vezes dentro do mesmo discurso, diferentes formas de pensamento e lógicas que circulam e podem se chocar de forma contraditória e intensa, mas que se associam, e ao fazê-lo, podem eventualmente renovar o senso comum.

Sobre a sociogênese, destaca-se que o esforço humano de entendimento do mundo a partir de descobertas/diferenças/novidades envolve afetos/desejos/vontades que estão na base dos conhecimentos e noções/saberes/práticas que dão significado e sentido à existência em sociedade. Assim, a partir deste fundo simbólico socialmente compartilhado, vive-se no mundo. Enquanto atividade psicossocial por excelência, a representação unifica as pontas da chamada tríade do conhecimento: eu-outro-objeto (Jovchelovitch, 2008), mobilizada a todo instante e em diferentes níveis da vida social, do prosaico ao profundo, permeando todas as interações humanas. Tal definição significa aderir à perspectiva de que imaginários e representações são construções sócio-históricas que precedem e subsumem as manifestações individuais. Com base na perspectiva de Durkheim (2007), é possível entender fenômenos sociais como Ratanabá enquanto composto e componente de representações coletivas, por expressarem a natureza da sociedade que os criou; ou seja, manifestam-se sempre que o contexto seja propício: quando os elementos simbólicos provenientes do imaginário social são demandados.

Coube a Moscovici desenvolver as representações sociais a partir do legado durkheimiano, um débito reconhecido explicitamente (Moscovici, 2012). O conceito está

na base da TRS enquanto chave para entender o senso comum, o pensamento forjado por grupos e sociedades no cotidiano, o conhecimento compartilhado cotidianamente, referindo-se do ponto de vista epistemológico ao fenômeno psicossocial da produção de consensos e dissensos, vitais para a existência da vida em sociedade. Assim, a representação social enquanto conceito procura abarcar o modo como/no quê/para quê/com quem as pessoas pensam. Portanto, desde Moscovici, a TRS tornou-se a ferramenta por excelência de uma psicologia social voltada à compreensão da dinâmica do cotidiano. A partir dos conceitos de ancoragem e objetivação, a TRS mapeia o processo representacional: do estranhamento (ancoragem) à normalização (objetivação/naturalização) de fenômenos que provocam tensão nas “verdades” cotidianas. Como aponta Moscovici (2003), a ancoragem e a objetivação se completam, frente e verso de um mesmo processo.

Ratanabá deixou de ser exclusividade do seu grupo inicial a partir de sua difusão em camadas mais amplas da sociedade brasileira. Assim, a suposta descoberta arqueológica foi submetida ao crivo de segmentos da sociedade, que se manifestaram afetiva e efetivamente pelos meios de comunicação. Há, então, que se compreender como se dá tal apropriação, no sentido do que entende Chartier (1995), pois enquanto fenômeno social, a “descoberta do século” será ancorada por diferentes grupos. A novidade precisará ser classificada e nomeada (Moscovici, 2003) no trabalho de ancoragem da representação social, como se observa no material selecionado para análise.

Entre defensores e detratores, o debate público envolve diferentes grupos e seus interesses. Destaque-se que defender uma crença e ganhar dinheiro com ela não são necessariamente posições excludentes. Há os simpatizantes, entre os quais aqueles que se aproveitaram de um contexto nacional marcado por um governo com posições conservadoras e frequentemente anticientíficas, terraplanistas a antivacina. É relevante

lembrar que Izah B. Pavão se notabilizou em assuntos polêmicos ao publicar o livro de receitas para prolongar a vida a partir de dicas do ET Bilu (Pavão, 2020). Mas também há, de outro lado, os críticos, que vão do escracho à tentativa de entender racionalmente o fenômeno.

A tradução figurativa de uma representação abstrata ou estranha numa representação concreta e familiar [os mapas geográficos] é uma metáfora da linguagem, uma analogia do pensamento ou uma alegoria no domínio das crenças, crenças religiosas em particular. Poderia se dizer que as representações geográficas são de natureza alegórica (Moscovici, 2007).

Não é de hoje que diante do desconhecido mobiliza-se um “fundo imaginário” ou “capital mimético”, nos termos de Greenblatt (1996, p. 23), que torna a diferença sobrenatural. Pois quando o insólito ultrapassa os limites da compreensão ordinária, o maravilhamento é a reação de deslumbramento face ao que se desconhece e rebusca a imaginação em busca de sentido. A narrativa daí resultante, a narrativa de alteridade, é um recurso cognitivo para lidar com o desconhecido, como se pode constatar na afirmação de Rafael Hungria em *Podcast*, segundo a qual a floresta amazônica sempre foi misteriosa⁵. Assim, os difusores da novidade jogam com a ancoragem afetiva, mobilizando afetos para provocá-la. E também não é de hoje que Urandir de Oliveira defende ideias polêmicas e acumula processos na justiça. Ele ressurgiu com Ratanabá, mas já havia despontado no longa-metragem *Terra Convexa* e na criação do ET Bilu⁶.

A existência deste gênero em diferentes contextos históricos ensejou uma tradição de estudos literários e historiográficos, mas, como adverte Delumeau (2003), o mito de um paraíso perdido ou de uma era de ouro da humanidade está vivo e permeia manifestações contemporâneas, não se tratando, portanto, de um fenômeno do passado: os mitos e rituais ancestrais continuam presentes no tempo dos algoritmos e da alta

tecnologia, facilitando assim uma ancoragem também pela via afetiva (Rimé, 2005; Bouriche, 2014).

Como entender um fenômeno como Ratanabá em pleno Terceiro Milênio? Castoriadis (2007) indagava-se sobre o tipo de sociedade que discute suas verdades e a legitimidade de deliberação sobre o que é verdadeiro ou falso, um debate tão atual no contexto das *fake news*. Alusões a cidades perdidas são frequentemente veiculadas, como na edição de abril de 2018 da revista Superinteressante que, sem fazer menção a Ratanabá, tem como um dos destaques a matéria Cidades Perdidas da Amazônia, no seu dossiê Civilizações Perdidas⁷. Então, como admitir a permanência de tais narrativas a não ser com a perspectiva de que cumprem finalidades necessárias à vida em sociedade, como possíveis *themata* das origens e que permeiam, inclusive, teorias da conspiração? (Moscovici, 2020).

Moscovici (2003, p. 218) teorizou sobre as *themata*, e o conceito nos remete a “modos de pensamento que a vida cotidiana sustenta e que são historicamente mantidos por mais ou menos longos períodos”. Mantidos e ressignificados, ou seja, contextualizados historicamente, as *themata* fazem um jogo de figura e fundo em que podem apresentar uma face num período e outra em outro. Neste sentido, a ideia de verdade, enquanto *themata*, atravessa a história das sociedades. O capítulo mais recente desta “saga” tem sido chamado de pós-verdades, cuja definição é “um adjetivo definido como relativo a, ou denotando circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais” (Guareschi, 2018, p. 31). A pós-verdade integra um conjunto de “pós” abrigado sob a chamada pós-modernidade, o período mais recente da história e caracterizado por mudanças radicais em muitos aspectos da vida em sociedade. Grosso modo, trata-se de um rompimento com o racionalismo, as verdades, as hierarquias e as identidades

ocidentais (Arruda, 2015), em síntese, com um modelo que traz em seu bojo as “bases da hegemonia europeia: humanismo, absolutismo, burguesia, expropriação camponesa, industrialização, iluminismo, revoluções, cidades, exércitos e burocracias” (Carvalho, 2011, pp. 89-90).

De junho de 2022 em diante, as postagens em redes digitais a respeito de Ratanabá continuaram a surgir com regularidade, apesar da diminuição gradual em relação ao pico verificado neste mês. Portanto, se observa nestas postagens que há diversidade e mesmo divergência de posições: há narrativas favoráveis, exaltando riquezas ocultas, teorias da conspiração, maravilhamento diante das tecnologias e dimensões fantásticas, embasamento em pesquisadores; e há narrativas críticas ou diversas, com carência de provas, suspeição quanto às intenções dos supostos pesquisadores, veemência; proposta de uma narrativa alternativa.

Os elementos até aqui apresentados indicam alguns caminhos constituídos por e constituintes do trabalho de ancoragem de Ratanabá:

1. Entendimento desse movimento como oportunismo ou expressão ideológica de um governo autoritário:

1.1-Acolhida efusiva da descoberta por importantes quadros do governo, exemplificada pela reunião entre o senhor Urandir e o ex-secretário de cultura Mário Frias, do governo bolsonarista, em 2020⁸, ressaltando a legitimação que a receptividade oficial enseja.

1.2- Polêmica exacerbada sobre Ratanabá como uma “cortina de fumaça” para desviar a comoção internacional a respeito do assassinato do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira em 05 de junho de 2022 (Leitão, 2023). Como já citado, o crescimento do interesse por Ratanabá ocorreu exatamente no mês de junho⁹.

1.3- Para além destes assassinatos, a criação da “cortina de fumaça” – dispositivo já detectado no processo recente de polarização política no Brasil (Arruda, 2022) - encobriria violências e acontecimentos políticos que realmente importavam nos debates sociais no contexto brasileiro de 2022, às vésperas das eleições presidenciais.

1.4- Ratanabá enquanto *fake News*, ou ainda como delírio, ou mero charlatanismo: O que pensar de narrativas sobre extraterrestres? De tecnologias como a luz condensada? E muitas outras afirmações insólitas de um grupo que já havia defendido antes o ET Bilu. A controvérsia gerou críticas e piadas nas redes sociais a ponto de ser publicado por Dakila um comunicado aos seus críticos: “...o Ecosistema Dakila manifesta veementemente repúdio a toda e qualquer veiculação e/ou permissão de veiculação em mídias sociais, através de websites e aplicativos de comunicação, de conteúdos ofensivos, com caráter injurioso, difamatório e calunioso, a respeito das suas atividades sociais e da atuação de seus associados [sic]”¹⁰.

2. Uma abordagem contextualizada.

2.1- A ação do grupo enquanto minoria ativa (Moscovici, 2011) dá conta do modo como certos grupos, caracterizados por um estilo específico de comportamento e propostas contra hegemônicas, vão provocar o tensionamento das representações hegemônicas, criando possibilidades de mudança. Pode ser um grupo delirante: as ideias de Urandir, Rafael Hungria e Izah B. Pavão vão de encontro à ciência e se caracterizam pela excentricidade.

2.2- A associação entre o processo de representação e a base de crenças socialmente construídas e compartilhadas (Apostolidis, Duveen, & Kalampaliki, 2002), especificamente, a crença em teorias da conspiração. Moscovici (2020) destacou a relação entre representações sociais e o que pode ser chamado de “mentalidade conspiratória”, caracterizada pela negação do conhecimento e a distorção da história em nome do saber

privilegiado de uma minoria. No caso de Ratanabá, os membros de Dakila desqualificam a todo instante a “ciência tradicional”, sendo eles os detentores de uma “ciência verdadeira”, com alusões a interesses de governos estrangeiros por tesouros ocultos, sem que sejam apresentados nomes, dados ou fatos que respaldem as afirmações.

2.3- A difusão de crenças sem base na ciência cumpre a função de dispersar os estudos e as evidências científicas sobre a ocupação humana na maior floresta tropical do mundo, contradizendo? solapando? fragilizando? a solidez de um saber sobre ela.

2.4- Ratanabá enquanto fenômeno sócio-representacional. Cientistas sociais, jornalistas, pesquisadores reconhecidos e autointitulados, ou seja, estratos da sociedade com poder de expressão, a partir das possibilidades oferecidas pelas redes sociais, entraram em ebulição no período mencionado: “cortina de fumaça do governo”, “coisa de maluco”, “teoria biruta”, “delírio”, “minorias ativas”, “lenda”, “*fake news*”, e assim por diante. Tantas perguntas, no sentido de entender um fenômeno que se apresenta para a sociedade, estão na base do trabalho de ancoragem. Fica claro o esforço dos comunicadores na escolha de pontos de ancoragem, facilitadores para a metabolização da novidade, passando pelas lendas do imaginário colonial, mas também pela mitologia futurista, que acrescenta o supra-humano, com o tempero extraterrestre. Apela para o poder dos afetos ao evocar sonhos de grandeza, orgulho nacionalista, mitos de origem.

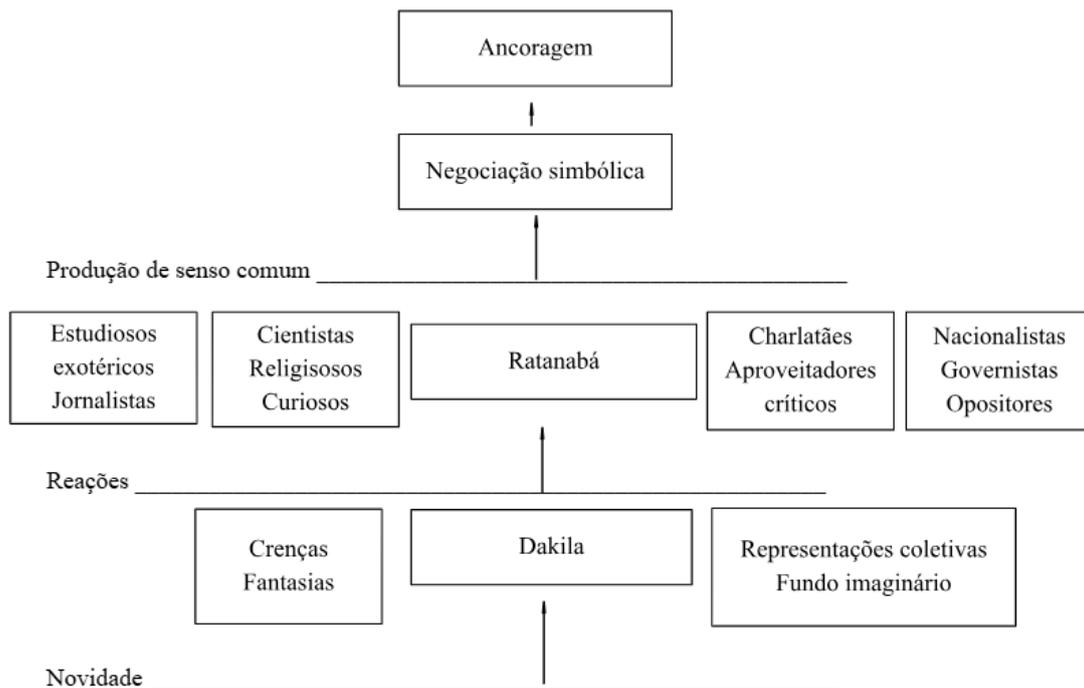
A caracterização de uma representação hegemônica de Ratanabá, agregando ufologia, ciência, fantasias e mitos de origem, contudo, só poderá ser criada ao longo do tempo caso os processos de ancoragem e objetivação sejam concluídos nesta direção (Carvalho & Arruda, 2008) naturalizando tal representação para um alcance considerável na população.

O processo pode ser assim sintetizado, conforme consta na Figura 1: De início Ratanabá era uma crença restrita a um pequeno grupo, até que um conjunto de

circunstâncias sociais e políticas provocou sua negociação simbólica por outros grupos, ganhando dimensão e notoriedade nas redes sociais. Porém, não se pode assegurar qual será a sua continuidade.

Figura 1.

A Negociação Simbólica de Ratanabá.



Este debate conduz a seguinte questão: estamos diante de Pós-verdades, mito ou *fake news*? Ao ouvir o relato daqueles que acreditam em Ratanabá, não há como fugir à seguinte pergunta: eles acreditam mesmo nessas coisas? Veyne (1984) escreveu um livro cujo título demonstra preocupação similar, quando perguntava se os gregos realmente acreditavam em seus mitos; Jung se viu na mesma situação, ao analisar os depoimentos dos que afirmaram ter contato com extraterrestres. Diante da grande quantidade de relatos de cidadãos considerados “normais” e de lugares tão distintos, não se tratando, portanto, de mentiras intencionais ou de distúrbios psicológicos ainda não classificados, Jung considera estar diante de um “mito vivo” (Jung, 1991). Ou seja, tais histórias possuem a estrutura clássica dos mitos da Antiga Grécia e são atuais. Como afirma Moscovici

(2020), em situações sociais graves (como nos últimos anos com a pandemia de covid-19), as representações polêmicas e o tom inquisitorial ressurgem, num território propício ao conspiracionismo, na busca de explicações muitas vezes voltando a origens míticas.

As maravilhas da tecnologia e a onipresença dos algoritmos se unem à força das crenças e dos mitos, criando fenômenos tão complexos quanto Ratanabá. É no contexto da pós-verdade que emergem as chamadas *fake news*, cujo diferencial em relação às tradicionais manipulações da informação é a verossimilhança, obtida por meio de recursos de edição de vídeo e áudio.

As *fake news* circulam livremente, em profusão e alto grau de sofisticação técnica que, no limite, estão proporcionando o surgimento das chamadas *deep fakes* nas quais se atinge o máximo de realismo na produção de informações falsas. Ou seja, a profusão de *fake news* guarda estreita relação com o desenvolvimento da tecnologia da informação. Interessante observar como um livro dedicado à pós-verdade menciona e com grande frequência os recursos derivados do mundo virtual, suas técnicas e consequências, ainda que colateralmente (Dunker, Tezza, Fuks, Tibuti, & Safatle, 2017). A obra organizada por Dunker *et al.* (2017) demonstra como as transformações em curso quebraram os alicerces das verdades tradicionais, forjadas em uma matriz grega e cristã. Se no passado acreditava-se que a distorção pela fofoca ou maledicência não resistia à confrontação com o fato, na atualidade a própria noção de fato é relativizada e, no extremo, o fato é recriado, característica comum da atividade representacional. No contexto mais amplo da pós-verdade, a *fake news* pode servir à manipulação com objetivos diversos, do estelionato à pregação ideológica, embora seja possível enxergar outras possibilidades de interpretação. Do ponto de vista do estudo das representações sociais, elas são elaborações cujo conteúdo carrega a marca de um posicionamento, de uma origem social, de uma leitura do mundo a ser observada. Para a/o estudioso das representações sociais

importa captar a sua lógica, o processo da sua tessitura, seus pilares - quem fala, de onde fala, com que propósito, com que efeito de verdade (Jodelet, 2018). E assim, os seus laços com a sociedade em que elas se tecem.

O terreno das crenças é complexo, sendo temerário responder se os gregos acreditavam ou não em seus deuses (Veyne, 1984) ou, em nosso contexto, se os bororos acreditavam ser araras (Levy-Bruhl, 1951) ou se os defensores de Ratanabá de fato creem na existência da civilização muril. Uma questão que pode ser incômoda àqueles que defendem a incompatibilidade entre razão e crença, embora seja possível encerrar o assunto, como o fez Roudinesco (2005), qualificando simplesmente de charlatanismo a relação entre gurus e seus crentes. Uma solução, contudo, que peca pela unilateralidade e redução de manifestações não-científicas à condição de pura má fé. A desqualificação dos conhecimentos não-científicos desde o século XIX pode ser a pista que nos permita entender a adesão de certas crenças e manifestações religiosas ao selo de “científico” para legitimar sua visão de mundo, suas terapias e produtos milagrosos. No caso de Ratanabá, sua existência é defendida ferrenhamente por supostos pesquisadores que argumentam em nome da ciência (a “verdadeira” ciência). Um exemplo de busca de legitimação científica é encontrado no livro de conselhos do ET Bilu, organizado por Pavão (2020), iniciado com o currículo de seus participantes, todos com formação superior na área de saúde.

Voltando à dificuldade de entender as crenças pela lógica, há quem expresse perplexidade com a criação do nazismo na Alemanha, a nação dos grandes pensadores e do racionalismo do século XIX, pilar da civilização. Como entender o vigor de crenças tão antigas e o surgimento de novas em um mundo dominado cada vez mais por tecnologias? Do ponto de vista teórico, como pontuam Apostolidis *et al.* (2002), é o sistema de crenças que permite o trabalho de representação. Assim, enquanto fenômeno

universal, crenças e valores expressam no âmbito social os desejos, os afetos e os temores de uma existência consciente e finita: para além do epifenômeno, representam a própria condição humana. Da imbricação entre o real e o virtual, mitos e religiões ganham novas roupagens e possibilidades a partir dos recursos das tecnologias da informação

Conclusão

Ratanabá é um fenômeno social complexo. A “cidade perdida” nos conduziu a uma história fantástica, digna das lendas do tempo das Grandes Navegações (século XV-XVI). Embalada em um discurso pretensamente científico, a narrativa envolve extraterrestres, dimensões extraordinárias, tecnologias nunca vistas e tesouros incalculáveis, nos moldes da literatura do maravilhoso. O artigo abordou o fenômeno a partir de conceitos oriundos da TRS, mais especificamente, mapeou o processo de ancoragem, quando Ratanabá ganhou destaque nos meios de comunicação. A seleção de sites exibiu a discussão pública e contraditória sobre o tema. De um lado, os defensores ardorosos; de outro, os críticos; cada qual com seus argumentos, alguns dos quais tão curiosos quanto à própria história de Ratanabá.

Ratanabá emerge como fenômeno sócio-representacional a partir dos seguintes elementos: 1) *Fake news*, ao se aproximar dos centros de poder e promover interesses políticos e econômicos. 2) Mito, história verdadeira para quem acredita. 3) Embuste criado por um grupo de charlatães que se aproveitam sem pudor da boa vontade alheia.

Contudo, o estudo de Ratanabá, do ponto de vista da TRS deve considerar as polifasias e seu papel nos processos de ancoragem e objetivação: a mobilização de crenças, a negociação simbólica, os confrontos identitários, os meandros do imaginário. Em síntese, trata-se da expressão da própria vida dos grupos em sociedade, enquanto atividade psicossocial, e não há novidade alguma em tal afirmação. Mas se for admitido que o atual contexto de pensamento é habitado pela chamada pós-verdade, variante do

grande debate sobre a verdade, é plausível supor que este seja o ambiente de criação de representações sociais na atualidade.

A produção sócio-representacional é um processo de tradução criativa, de tessitura, em que fios de significados se entrecem a partir de diferentes contextos sociais, continuidades, descontinuidades e simultaneidades temporais, identificadas pelas dimensões temporal, espacial e política, presentes na análise, assim como a polifasia cognitiva. Assim, o processo da ancoragem está relacionado à inserção do novo em um tecido complexo, disperso e difuso e que, ainda assim, requer o encontro de um terreno propício, como se viu em exemplos de pontos de ancoragem – da história, do imaginário, dos afetos. Ao evocar a ciência de forma ambígua e retraduzida, a narrativa de Ratanabá busca afastar o senso comum; paradoxalmente, permanece nele ao tentar criar a representação social. Propõe uma reinvenção do mito de origem, em busca de uma nova era dourada num momento de grande desgaste da imagem do Brasil, interna e externamente. Para tanto, estabelece novo patamar para o lugar da Amazônia no processo civilizatório, ancorado no imaginário do passado e do futuro.

No presente estudo, observa-se o amplo poder de difusão, de disseminação e de público das novas mídias sociais, por sua comunicação imediata, verbal e por imagens, com linguagens específicas de fácil consumo, que provocam rápidas reações. O estudo de Ratanabá reitera as crenças como sistemas de pensamento e nos põe frente à dialética do certo e do incerto, da adesão pelas provas ou pela convicção. O debate epistêmico foi posto na disputa de lógicas, de discursos e de práticas a respeito das verdades e mentiras sobre Ratanabá, um objeto que se mostrou vivo e permitiu também mostrar uma novidade que se anuncia no campo da pesquisa de representações sociais: os ciberespaços enquanto espaço privilegiado de negociação simbólica.

Referências

- Apostolidis, T., Duveen, G., & Kalampalikis, N. (2002). Représentations et croyances. *Psychologie & Société*, 5, 7-11. <https://shs.hal.science/halshs-00516850/document>.
- Araújo, C. A. A. (2020). O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 25, 1-17. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e72673>.
- Arruda, A. (2015). Modernidade e cia.: repertórios da mudança. In: J. C. Jesuíno, F. R. P. Mendes, & M. J. Lopes (orgs). *As representações sociais nas sociedades em mudança* (pp.103-127). Vozes.
- Arruda, A. (2022). A polarização sob o olhar psicossocial. In: A. Roso, P. A Guareschi, A. R. C. Hernandez, A. Novaes, A. Accorssi & C. S. Gonçalves (Orgs.). *Mundos sem fronteiras. Representações sociais e práticas psicossociais* (pp. 43-83). ABRAPSO.
- Bouriche, B. (2014). Émotions et Dynamique des représentations sociales. *Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 102, 195-232.
- Carvalho, J. G. S., & Arruda, A. (2008). Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. *Paidéia*, 18(41), 445-456. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300003>.
- Carvalho, J. G. S. (2011). Estudos sobre a modernidade: uma nova agenda de pesquisas em ciências humanas. *Conhecimento & Diversidade*, 3(6), 87-104. <https://doi.org/10.18316/539>
- Castoriadis, C. (2007). *Sujeito e verdade no mundo social-histórico*. Civilização Brasileira.

- Chartier, R. (1995). Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, 8(16), 179-192. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2005/1144>
- Delumeau, J. (2003). *O que sobrou do paraíso?*. Companhia das Letras.
- Durkheim, E. (2007). *As Regras do Método Sociológico*. 3 ed. Martins Fontes.
- Dunker, C., Tezza, C., Fuks, J., Tibuti, M., & Safatle, V. (2017). *Ética e pós-verdade*. Dublinense.
- Gomes, D. M. C. (2020). História da Arqueologia Amazônica no Museu Nacional: diferentes narrativas. *Revista de Arqueologia*, 33(1), 03-27. <https://doi.org/10.24885/sab.v33i1.694>
- Greenblatt, S. (1996). *Possessões Maravilhosas*. Edusp.
- Guareschi, P. (2018). Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital. *PSI UNISC*, 2(2), 19-34. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v2i2.12242>.
- Jodelet, D. (2018). Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. *Soc. estado*, 33(2), 423-442. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302007>.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os Contextos do Saber: representações, comunidade e cultura*. Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2014). Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em Psicanálise, sua Imagem e seu Público. In: A. M. de O. Almeida, M. de F. de F. Santos & Z. de A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais - 50 anos* (pp. 212-237). TechnoPolitik.
- Leitão, A. C. C. (2023). *“Ratanabá” e o sequestro da atenção: o papel do algoritmo na recomendação de desinformação no YouTube*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. <http://app.uff.br/riuff/handle/1/32484>.

- Levy-Bruhl, L. (1951). *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Presses Universitaires de France.
- Mendonça, R. F., Freitas, V. G., Aggio, C. O., & Santos, N. F. dos. (2023). Fake News e o Repertório Contemporâneo de Ação Política. *Dados*, 66(2): e20200213. <https://doi.org/10.1590/dados.2023.66.2.301>.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Vozes.
- Mocovici, S. (2007). Un largo prefácio. In: *Espacios imaginarios y representaciones sociales: aportes desde Latinoamérica*. A. Arruda & M. de Alba (pp. 7-13). Anthropos.
- Moscovici, S. (2011). *Psicologia das minorias ativas*. Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Vozes.
- Moscovici, S. (2020). Reflections on the Popularity of ‘Conspiracy Mentalities’. *International Review of Social Psychology*, 33(1), 1-13. <https://doi.org/10.5334/irsp.432>.
- Pavão, I. B. (2020). *ET Bilu: As receitas para o prolongamento da vida*. Edição do Autor.
- Rimé, B. (2005). *Le partage des émotions*. Presses Universitaires de France.
- Roudinesco, E. (2005). *O paciente, o terapeuta e o Estado*. Zahar.
- Rocha, A. P. (2017). *Os Caminhos de Peabiru: História e memória*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/6181>
- Hungria, R. (s.d). *Conexões entre os povos Muril e a cidade perdida da Amazônia: Uma reflexão sobre a História de Ratanabá, o antigo centro do Mundo*. TVCH. download-336402-E-book_Ratanaba-13161047.

Todorov, T. (1981). *Introdução à Literatura Fantástica*. 2 ed. Perspectiva.

Veyne, P. (1984). *Acreditavam os gregos em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte*. Brasiliense

Notas

1 <https://www.dakila.com.br/ecossistema-dakila/>

2 <https://www.youtube.com/@TVCHOFICIAL/about>

3 <https://linktr.ee/rafaelhungria?fbclid=IwAR081m-CQEIzvENir2NVaBFGmHt3MVG3L2r8tff9Vc0FbjWLKBPp-31h5Zs>

4 <https://podcasts.apple.com/us/podcast/eu-vi-o-et-bilu-frente-a-frente-experiencias/id1520279379?i=1000500268549>

5 <https://www.youtube.com/watch?v=Xe8Iu6WJD0Y>

6 https://fantasia.fandom.com/pt/wiki/ET_Bilu

7 Dossiê Superinteressante. Civilizações Perdidas. Abril Comunicações. São Paulo: Abril, 2018.

8 <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/todo-animado-mario-frias-cai-no-papo-de-cidade-perdida-da-amazonia>. Entre outras tantas matérias que ressaltaram a reação do político à Ratanabá.

9 <https://www.rp10.com.br/2022/06/teoria-do-ratanaba-e-morte-de-dom-phillips-e-bruno-nao-e- apenas-coincidencia/>. Nesta matéria se estabelece uma relação direta entre os dois fatos.

10 <https://www.dakila.com.br/noticias/nota-de-repudio/>